



**LINEU DE PAULA LEÃO JÚNIOR**  
12.JULHO.1958 - 12.JULHO.1985

*“O sofrimento e o desespero não nos conduziram à revolta e à vingança. Fizeram, sim, retornarmos, humildes, à religião. E, levaram-nos a Chico Xavier.*

*A humildade, a brandura, a honestidade transparente, a alegria na dor, a resignação no sofrimento do grande médium trouxeram às nossas almas os primeiros lenitivos. Nossas mentes começaram a sair do tumulto em que se encontravam.*

*A simples presença de Chico Xavier tranqüiliza; ela como que harmoniza as mentes presentes em pensamentos de fraternidade e amor: expulsa do ambiente, como em passe de mágica, os pensamentos mesquinhos ou falsos.”*

*Estas palavras sintetizam o que a Doutrina Espírita, através do seu Representante Maior, aqui na terra, significou para a família deste jovem engenheiro, que em tão pouco tempo de readaptação no Plano Espiritual envia uma mensagem que mostra, inequivocamente, que a evolução do espírito se faz ao longo dos séculos, pelo processo reencarnatório.*

*Júnior nasceu em Ituverava (SP). Fez seus estudos básicos na Capital, formando-se, posteriormente, em Engenharia Civil.*

*Em carta de 15 de outubro de 1985, dirigida à Câmara Municipal de Ituverava, em agradecimento à homenagem que fora prestada à sua memória, seus pais definem o seu perfil:*

*"Modesto e humilde a não mais poder; jovial, honesto e sincero, simboliza sempre a alma reta do povo ituveravense, ao qual, sempre proclamava, com alto e bom som, tinha a satisfação de pertencer. Filho boníssimo e carinhoso, tinha sempre nos lábios o sorriso franco e uma palavra de amizade aos que dele se acercavam."*

*Em sua biblioteca, seus pais encontraram inúmeras obras espíritas, dentre as quais "O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO", de Allan Kardec. Souberam ainda que Júnior, quando em Ituverava, freqüentava, em companhia de sua namorada, o Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade, do qual o avô Aristides de Paula Leão fora presidente.*

*Desencarnou ao completar 27 anos, na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, onde residia com os pais, Dr. Lineu de Paula Leão e D. Elza Telles Faleiros Leão. Teve uma única irmã, Sandra Maria Leão Fernandes, casada com o Dr. Saturnino Fernandes.*

*Querida maezinha Elza e querido pai Lineu.*

*Agradeço-lhes a presença confortadora e tentarei alinhar algumas notícias minhas.*

*Naquele dia 12, as horas amanheceram com a fisionomia de festa<sup>1</sup>.*

*Notava a maezinha Elza preocupada com a mesa que nos ofereceria naquela marca de vinte e sete anos.*

*Não sei se estou enfileirando dados exatos, porque estou em convalescência e recuperação.*

*Quero dizer-lhes, porém, que em mim tudo respirava vigor e tranqüilidade, sempre escudado na dedicação dos pais queridos.*

*Dispus-me a sair pela manhã de sol alto. Certamente o papai Lineu viria da fazenda ao nosso encontro<sup>2</sup>. Pensei que deveria necessitar de algum dinheiro, trocando alguns de meus cheques com amigos nossos.*

<sup>1</sup> - Desencarnou no dia de seu aniversário, completando 27 anos.

<sup>2</sup> - O pai de Júnior encontrava-se, no dia do acidente, em uma de suas fazendas e deveria retornar para a festa de seu aniversário, que seria no sábado, dia 13.

As horas seguiam na matemática dos ponteiros.

Parei o carro na retaguarda de outros vários que aguardavam o sinal, quando senti que um corpo pesado em demasia prensava o meu Alfa, ao mesmo tempo que aquele impacto me atingia a cabeça com violência.

Entontecido, de repente, observei que algo de estranho me espancava a vida intracraniana e compreendi que fora vítima de ruptura de vasos importantes, sem que me fosse permitido falar.

Aquela estranha convulsão me apagara o raciocínio. Tentei recorrer à oração, entretanto, a coordenação de meus vocábulos, mesmo no pensamento, se fazia impossível.

Como se fora transportado da inconsciência ao sono, vi a mim próprio fora do meu corpo, espantando-me com a dualidade de que o choque me fazia objeto.

Naquela atmosfera de penumbra, embora soubesse que o sol claro estaria brilhando por fora de minha sonolência, avistei um homem de olhar compassivo que me estendeu as mãos, esclarecendo:

- Lineuzinho, venha conosco; seu avô Aristides<sup>3</sup> também está à sua espera!

<sup>3</sup> - Aristides de Paula Leão, avô. Nasceu em 1888 e desencarnou em 1976. Espírita convicto, presidiu, por mais de três décadas, o Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade, em Ituverava (SP).

Tudo aquilo transcorria numa partícula mínima de tempo, quando ouvi barulho de explosão à retaguarda.

- Filho, sigamos! - falou o amigo generoso. - Não olhe para trás, porque, de agora em diante, os seus caminhos se desdobram para a frente!

Nesse mesmo instante, vi que vovô Aristides igualmente chegava e os dois entrelaçaram as mãos para que eu pudesse dispor de um abrigo para descanso.

Procurei ainda exercitar a palavra, a fim de avisar que me achava à espera de meu pai Lineu, quando um torpor irresistível me submeteu a um sono agitado que até hoje não consigo compreender.

Aquele sono era um labirinto de pesadelos, no qual observava estampados quadros vivos de minha própria existência.

Quis relutar contra o repouso, de modo a definir o que me ocorria; entretanto, o sono se fez mais profundo e perdi, de todo, a noção de mim.

Despertei num ambiente agradável em que os dois amigos pareciam aguardar-me a conscientização.

Meu avô, embora entendendo as minhas dificuldades da voz, apresentou-me o companheiro da primeira hora:

- Lineuzinho, este é o nosso Aristides

Nery<sup>4</sup>, de Igarapava. Ambos temos o mesmo nome.

Fiz um aceno, movimentando levemente a cabeça dolorida, na intenção de demonstrar a minha simpatia para com o desconhecido...

Nesse ponto de minhas lembranças, entrou uma senhora que se me deu a conhecer por mãe da vovô Joana e que até hoje me dispensa especial carinho<sup>5</sup>.

Demorei um tanto a retomar a minha capacidade vocal e perguntei a meu avô se tudo aquilo que estava me acontecendo era a morte.

Ele confirmou, trocando a expressão “morte” por desencarnação.

Reconhecendo-me transferido à força para a vida diferente que, de certo, me aguardava para novas obrigações, passei a chorar, recordando os pais queridos, a nossa Sandra Maria e a nossa Luciana, que não acreditariam naquela mudança compulsória.

Recordei Ituverava, os amigos da fazenda, além dos meus laços íntimos, e desatei o pranto que me banhou todo o rosto.

Meu avô compadeceu-se de mim e falou-me palavras de consolo e esperança, que

4 - Aristides Waldomiro Nery, nasceu em 1833 e desencarnou em 1962. Kardecista vibrante, contemporâneo de Eurípedes Barsanulfo. Foi um dos fundadores do Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade, em Ituverava (SP).

5 - Etelvina Augusta Barbosa, bisavó, desencarnou em 1926.

me ficariam impressas na memória.

Depois de alguns dias, pude rever a família em Campo Grande e começava a pensar em suicídio, quando o vovô Aristides se incumbiu de erradicar tal idéia de meus pensamentos, explicando com bom humor que eu já não conseguiria destruir o meu corpo de novas expressões e, usando o melhor de mim, de que poderia dispor, deliberei aceitar a situação com a possível serenidade.

Com isso, tranqüilizei os amigos que me cercavam e pude retornar a Campo Grande, amargurando-me com a tristeza da mamãe Elza, que não conseguia me esquecer.

Foi então, que ao ler-lhe os pensamentos, como quem senhoreia textos de páginas e páginas, vim a saber que o Instituto Médico Legal me considerava vítima de queimaduras que a nenhum corpo humano é dado resistir.

Com todo o meu respeito ao I.M.L., desejei aclarar a idéia de minha mãe sobre a intensa hemorragia interna que me expulsou do corpo.

Hoje venho confirmar isso, para arredar da cabeça da maezinha e do pensamento de nossa Sandra Maria a suposta informação de que eu teria sido vítima de queimaduras cruéis.

Isso não aconteceu. Não me lembrei de queimadura alguma, de vez que não registrara nenhuma.

Se o fogo desmantelou o meu carro, não me alcançou de modo algum. Mãe, peço-lhe coragem e fé em Deus.

As queimaduras mencionadas nas perícias tanto me tocaram como as chamas atingem a roupa de alguém sem ferir esse alguém.

Peço à maezinha Elza diga minhas notícias à nossa Sandra e à nossa Luciana<sup>6</sup>, a companheirinha que eu tomaria, em breve, se Deus permitisse, para a condição de minha esposa e tutora espiritual, no casamento que nos reuniria as esperanças.

Agora, peço aos queridos pais serenidade e bom ânimo, com a certeza de que continuo em vida diferente, mas ligada à nossa existência comum.

Rogo ao papai Lineu conformação e paz em nosso favor, porque há muito que fazer para ele, unido a mim.

Nós ambos trabalharemos, quanto possível, para que o bem se estenda aos outros, porque na verdade sou seu filho, mas junto de outros rapazes, filhos de Deus quanto nós, que esperam quem lhes estimule o propósito de trabalhar e estudar<sup>7</sup>.

6 - Sandra Maria Leão Fernandes, irmã. Luciana Aparecida Rodrigues, namorada.

7 - No campo da beneficência, o pai Lineu pendia para o auxílio à infância. A genitora, Elza, optava mais pelo socorro dos idosos. Júnior, aqui, como que adivinhando o recôndito pensamento dos pais, aponta novo caminho.

Papai, a nossa vida não terminou e os nossos planos de agir para a execução do bem comum continuam comigo.

Maezinha Elza, abençoe-me e fique tranqüila. As saudades são de nossa plantação recíproca. Lembremo-nos de que a nossa Sandra e nosso amigo Fernandes<sup>8</sup>, com a familiinha iniciante, precisam de nós e tenhamos paz e coragem para a travessia das renovações do momento.

Muito carinho à nossa Luciana e muitas lembranças aos nossos de Campo Grande, da Fazenda e de Ituverava.

O meu avô Aristides é de parecer que já transmitem as notícias que se faziam convenientes e que devo terminar.

É o que faço saudosamente, beijando-lhes reconhecidamente as mãos de pais queridos, lutadores fiéis e obreiros do bem, com o imensurável amor e o maior respeito do filho que lhes deve as maiores alegrias e pede a Deus conservá-los sempre e cada vez mais felizes.

LINEU DE PAULA LEÃO JÚNIOR<sup>9</sup>  
02.NOVEMBRO.85

8 - Dr. Saturnino Fernandes, cunhado de Júnior, esposo de D. Sandra Maria. Têm um casal de filhos pequenos.

9 - Júnior sempre, em quaisquer documentos, tinha o costume de assinar o nome por completo, qual ocorre nesta mensagem!